

O CINEMA COMO (IM)POSSIBILIDADE FORMATIVA

FRANCO, Renata Rosa (PPGE/FE/UFG)
rrosa_f@yahoo.com.br

ROURE, Susie Amâncio G. (PPGE/FE/UFG)(orient.)
susie@terra.com.br

Órgão financiador: bolsa **CNPq**

Palavras-chave: educação, indústria cultural, cinema, semiformação, experiência formativa.

Ao considerar a educação uma prática social ampla que permeia todas as relações e, portanto, não se restringe às instituições formais de ensino, é possível situar a produção fílmica como elemento fomentador desse processo. Loureiro (2008) afirma que a instituição cinema e todo o aparato da cultura industrializada que gira em seu entorno representam um poderoso instrumento de hegemonia cultural e de possibilidade formativa. “Ao comporem uma determinada dinâmica de vida de homens e mulheres, os filmes também participam na formação de valores éticos e juízos de gosto e, nesse sentido, portam uma faceta educacional.” (Loureiro, 2008, p.136)

A educação é analisada por Adorno a partir dos conceitos de barbárie e emancipação. O pensador nos lembra, entretanto, que “a educação não é necessariamente um fator de emancipação” (Adorno *apud* Maar, 2006, p. 11), que se faz necessário uma crítica permanente, que é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado para evitar que Auschwitz se repita, a barbárie contra a qual deveria se dirigir toda a educação. “Assim como o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por encontrar-se vinculado a uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional” (Maar, 2006, p. 15).

Maar (2006) chama a atenção sobre a observação feita por Adorno a respeito dos efeitos negativos de um processo educacional baseado tão somente numa estratégia de “esclarecimento” da consciência, sem levar em conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos. “Quanto mais a educação procura se fechar ao seu condicionamento social, tanto mais ela se converte em mera presa da situação social vigente” (MAAR, 2006, p. 11).

Dessa maneira a educação é absolutizada no contexto do capitalismo tardio industrial, uma vez que os homens são envolvidos, capturados, sobretudo pela ideologia¹ dominante, caracterizada pela indústria cultural².

¹ “O entendimento de ideologia adotado por Adorno corresponde ao sentido marxiano de consciência falsa” (TIBURI, 1996, p. 68). Tiburi (1996) observa que, sob a ótica do materialismo dialético, ideologia seria um conjunto de proposições elaborado, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe. A manutenção da ordem social requer, dessa maneira, menor uso da violência

A Indústria Cultural *confere a tudo um ar de semelhança* (ADORNO e HORKHEIMER, 1995, p. 113), de identidade (114), de empobrecimento dos materiais estéticos (116), de *liberdade de escolher sempre a mesma coisa* (156), de repressão (131), de privação (132). Ao mesmo tempo que gera a padronização de tudo, a Indústria Cultural atrofia a imaginação, a espontaneidade, a atividade intelectual do espectador (119/128). Faz desaparecer tanto a capacidade de crítica, como a do respeito ao ser humano (150). Exclui o diferente, o novo (126). Até o divertir-se significa estar de acordo (135). Sob o monopólio privado da cultura, *a tirania deixa o corpo e vai direto à alma* (125). Estabelece-se a universalização da Indústria Cultural. O trabalhador é ocupado o tempo todo, na fábrica e em casa (123), pois a diversão é desenvolvida como prolongamento do trabalho (128). Até a arte, que tradicionalmente traz em si o reino da autonomia e da criatividade, é transferida, mesmo que desajeitadamente, para a esfera do consumo (126). (PUCCI, 1995, p. 31-32)

Essa configuração social presente no capitalismo tardio industrial é o estatuto da dominação material e simbólica sobre os homens. Pucci (1995) declara que houve a “popularização” dos bens culturais, dando aparência de sua possível democratização, entretanto essa socialização progressiva trazia em seu bojo uma deformação crescente, estabelecia condições para uma permanente dependência na qual, citando Ramos de Oliveira, “a semiformação, apesar de toda a ilustração e de toda informação que hoje se difunde, passou a ser a forma dominante da consciência do homem atual” (PUCCI, 1995, p. 32).

A cultura converteu-se totalmente numa mercadoria. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do fátal isolado (...), o pensamento reduzido ao saber é neutralizado e mobilizado para a simples qualificação nos mercados de trabalho específicos para aumentar o valor mercantil das pessoas. Assim naufraga a auto-reflexão do espírito que se opõe à paranóia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo. (ADORNO *apud* MAAR, 2003, p. 464).

A semiformação induz as pessoas a uma compreensão do mundo formatada em concordância com os parâmetros previamente definidos pelos interesses do capital. Isso faz com que os critérios para se avaliar, julgar, perceber a realidade sejam delimitados pelo mercado, provocando uma regressão das capacidades humanas sensíveis e intelectivas e impedindo uma experiência do mundo a partir de uma atitude autônoma.

Adorno e Horkheimer (1985) observam que quanto maior a complexificação e o refinamento da aparelhagem social, econômica e científica do sistema capitalista tardio, para o qual os homens foram progressivamente ajustados, tanto mais se tornaram empobrecidas suas vivências.

O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível. O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico

por meio da força explícita. Assim a ideologia torna-se um dos instrumentos da reprodução do *status quo* e da própria sociedade.

² Expressão criada por Adorno e Horkheimer (1985) para designar um tipo de cultura criada para fomentar o modo de produção capitalista, em que a lógica é transformar tudo em mercadoria, em especial a arte, com poder de gerar lucro.

consigo mesmo. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 26-27)

A crise do processo formativo e educacional, portanto, é uma conclusão inevitável da dinâmica atual do processo produtivo. Adorno (2006) observa que a organização social em que vivemos é heterônoma, ou seja, não permite que as pessoas vivam na sociedade atual por suas próprias determinações, ao contrário, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração.

Dentre esses canais de mediação se destaca o cinema que, no contexto da indústria cultural, transformou significativamente as artes no século XX ao se tornar, desde o seu surgimento, uma manifestação artística emblemática na sociedade industrial, pois, como afirma Hobsbawm (2001), era totalmente inovador em sua tecnologia, em seu modo de produção e em sua maneira de apresentar a realidade, o que o fez desenvolver-se rapidamente e tornar-se um negócio bastante lucrativo.

Ademais, a partir do fim do século XIX, o tradicional terreno da cultura erudita estava minado por um inimigo ainda mais poderoso: o fato de as artes atraírem as pessoas comuns e (com exceção parcial da literatura) de terem sido revolucionadas pela combinação da tecnologia com a descoberta do mercado de massas (HOBBSAWM, 2001, p.308).

Adorno e Horkheimer (1985), tecem uma importante crítica à conversão da arte em um produto de consumo na sociedade capitalista industrial, com vistas à geração de lucro. De acordo com os autores, a arte deveria apresentar uma função social à medida que estaria associada a uma possibilidade de crítica e emancipação, ligada, portanto, ao plano da política. Mas, a partir do momento em que passa pelo processo de industrialização, adquire um *status* adaptativo, pois visa à conciliação de tensões e, nessa perspectiva, a um controle social, pois é destituída de sua função de crítica para ser aceita como produto de diversão e no divertimento o pensar é descartado. Com efeito, o divertimento é uma fuga, mas não da realidade perversa. Foge-se “do último grão de resistência que a realidade ainda pode haver deixado. A libertação prometida pelo entretenimento é a do pensamento como negação de si próprio” (Adorno & Horkheimer, 1985, p.44).

Quando esses autores abordam o cinema nos anos 1940, afirmam que a dinâmica desse espetáculo dificulta e obscurece a atividade intelectual do público, já que no filme todos os detalhes são clichês prontos para serem empregados de forma arbitrária, conforme a finalidade conferida pelo esquema da indústria cultural.

Entretanto, em *Notas sobre o filme*, texto de 1966, Adorno admite a possibilidade de o cinema vir a ser uma arte autônoma. Loureiro (2006) observa que o pensador acredita em alguns movimentos de resistência e em filmes inseridos no âmbito da própria indústria cinematográfica, em especial o Novo Cinema Alemão que criticava o “lixo” que a indústria cinematográfica havia produzido desde o início do século XX.

Quando considera um “potencial mais fecundo” para o filme, Adorno revela o caráter contraditório da própria indústria cultural e ratifica essa constatação ao afirmar que

Nos traços daquilo que é comparativamente sem jeito, sem conhecimento, incerto quanto a seu efeito, nisso é que se entrincheirou a esperança de que os assim chamados

meios de comunicação de massa poderiam tornar-se algo qualitativamente distinto. [...] no confronto com a indústria cultural, cujo padrão exclui o que não tenha sido previamente apreendido e mastigado, [...] obras que não dominam inteiramente sua técnica e que, por isso, deixam passar algo de incontrolado, de ocasional, têm o seu lado liberador (ADORNO, 1994, p. 100-101).

Trabalhamos com a hipótese de que, ao apontar o caráter contraditório da indústria cultural e refletir sobre um novo fazer cinematográfico, Adorno nos apresenta a possibilidade de uma experiência formativa por meio dessa mídia. Essa experiência formativa corresponderia a um movimento por meio do qual a figura realizada seria confrontada com sua própria limitação, ou seja, um método de formação crítica negativa: “o que é torna-se efetivamente o que é pela relação com o que não é” (MAAR, 2006, p. 25). A dinâmica do processo estaria na recusa do existente pela via da contradição e da resistência.

Ele [Adorno] pressupõe uma lógica da não-identidade, uma inadequação – no curso da experiência pela qual a realidade efetiva se forma – entre realidade e conceito, entre a existência e sua forma social. O conteúdo da experiência formativa não se esgota na relação formal com o conhecimento – das ciências naturais, por exemplo – mas implica uma transformação do sujeito no curso do seu contato transformador com o objeto na realidade. (MAAR, 2006, p. 25)

Maar (2003) nos lembra que as condições para a execução desse processo de formação negativa encontram-se nas contradições presentes na sociedade. “Como diria Adorno no ensaio, *Tempo Livre* (1969, p. 67), a contradição social é o ‘remédio’ para a ‘doença da sociedade’ que é a semiformação” (MAAR, 2003, p. 473).

A investigação do tema proposto para a dissertação está organizada em torno de três tópicos, o primeiro discorre sobre o homem do capitalismo tardio, como suas tramas obscurecem as consciências, formando *sujeitos que se sujeitam* e não experienciam as contradições sociais, ocultas na ideologia imposta pela indústria cultural. Essas pessoas refletem o processo de semiformação que destaca apenas a integração e não a autonomia.

O segundo tópico estuda o cinema (des)identificador, levanta o tema da contradição existente no bojo da indústria cultural e como o cinema se insere na relação entre sujeito e objeto / teoria e práxis, como mídia promotora (ou questionadora) de uma alienação totalizante e como mídia consumida por pessoas semiformadas (ou que estão em processo de autonomia).

O terceiro tópico analisa a concepção de experiência para Adorno, que corresponde à experiência da não-identidade, como forma de superar o empobrecimento das vivências e, em consequência, a crise da formação, sondando a possibilidade (ou impossibilidade) de se promover uma experiência formativa por meio do cinema.

Essa investigação será desenvolvida tendo como base a pesquisa bibliográfica e a análise de filmes que contarão com o apoio de obras que busquem desvendar os processos de dominação material e simbólica promovidas pelo capitalismo tardio, bem como as (im)possibilidades de se fomentar uma experiência ampla e formativa por meio da mídia cinema.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Paz e Terra, 2006.

_____. **Introdução à sociologia**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. **Notas sobre o Filme**. In: Sociologia: T. W. Adorno. Gabriel Cohn (org.). São Paulo: Ática, 1994.

_____. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LOUREIRO, Robson. **Da teoria crítica de Adorno ao cinema crítico de Kluge: educação, história e estética**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2006.

_____. **Educação, Cinema e Estética: elementos para uma reeducação do olhar**. Revista Educação e Realidade. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2008.

MAAR, Wolfgang Leo. **À Guisa de Introdução: Adorno e a Experiência Formativa**. In: Adorno, T. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.

_____. **Adorno, semiformação e educação**. Educação Social, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003. Disponível em: www.cedes.unicamp.br.

_____. **Da subjetividade deformada à semiformação como sujeito**. Psicologia & Sociedade, vol. 13 n. 2, p. 92-141, jul./dez. 2001.

_____. **A produção da 'sociedade' pela indústria cultural**. Revista Olhar, ano 2, n. 3, junho 2000.

PUCCI, Bruno. **Teoria Crítica e Educação**. In: Teoria Crítica e Educação – A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Bruno Pucci (org.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1995.

SILVA, Josué Pereira da. **A crise da sociedade do trabalho em debate**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 35, Desigualdades. São Paulo: Cedec, 1995, p.167-181.

TIBURI, Márcia. **Dialética Negativa**. In: Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p.65 a 78.